



GABRIELA DI BELLA

CELULOSE RIOGRANDENSE INICIA PROJETO DE EXPANSÃO

Em dezembro último, a Companhia Manufacturera de Papeles e Cartones (CMPC) confirmou o início do projeto de expansão da fábrica Celulose Riograndense, instalada em Guaíba (RS). Com investimentos totais de R\$ 4,6 bilhões, a unidade fabril, que atualmente produz 450 mil toneladas de celulose por ano, ampliará sua capacidade anual para 1,75 milhão de toneladas.

“A intenção é dar o start-up dessa nova unidade, que será responsável pelo volume adicional de 1,3 milhão de toneladas de celulose no início de 2015”, revela Walter Lídio Nunes, presidente da Celulose Riograndense. “Começaremos a transformar nossa área num canteiro de obras ainda no primeiro semestre de 2013”, completa ele sobre o cronograma.

Hoje o market share da CMPC corresponde a 5% do mercado mundial de celulose branqueada. Com a expansão de capacidade da Celulose Riograndense, o grupo almeja ampliar esse volume para 8%. No Brasil, a participação da CMPC representa de 6% a 7% do mercado de celulose de fibra curta. Com o crescimento previsto para 2015, a intenção é conquistar entre 11% e 12% de market share.

Na entrevista a seguir, Nunes dá mais detalhes sobre o projeto, já em andamento, e revela as estratégias comerciais por trás da expansão que triplicará a atual produção do parque fabril de Guaíba.

Nunes afirma que a correlação entre o crescimento do PIB mundial e a demanda por celulose está entre as justificativas para o aumento da capacidade produtiva da Celulose Riograndense

O Papel – Por que a CMPC tomou a decisão de investir no aumento da atual capacidade produtiva da Celulose Riograndense?

Walter Lidio Nunes – A implantação do investimento está baseada numa visão de cenário que contempla dois vetores principais: mercado e competitividade operacional da nova planta. Em termos de mercado, entendemos que haverá, nos próximos anos, a necessidade de um volume adicional de celulose. Entre as justificativas para tal aposta está a correlação entre o crescimento do PIB mundial e a demanda pela commodity. Outro fator que fortalece a demanda por celulose é o processo de fechamento de unidades fabris de celulose (integradas ou não) em outros países, especialmente no hemisfério norte. Os fechamentos estão sendo notados devido a questões de baixa competitividade. Sabemos que os países de clima mais temperado ou frio têm menores rendimentos florestais. Essa é uma das razões que têm feito o Brasil despontar com plantas capazes de produzir mais de 1 milhão de toneladas nos últimos anos. Isso evidencia que a localização das fábricas e a oferta de celulose de mercado estão se concentrando gradativamente no hemisfério sul. Pelo grande potencial que apresenta, o Brasil se destaca entre esses países, não apenas pela extensão de terras ou pela produtividade das florestas, mas por toda a tecnologia que foi desenvolvida pelo setor nesses anos. A competitividade operacional do projeto é alavancada pela produtividade florestal, pelos baixos custos operacionais industriais e por uma logística eficiente.

O Papel – Quais mercados serão atendidos pelo volume adicional previsto para 2015?

Nunes – Visamos atender aos principais mercados consumidores, incluindo Ásia, Europa e América do Norte. Vale ressaltar que a Celulose Riograndense faz parte grupo CMPC, que tem uma ampla estratégia de produção de celulose de fibra curta, fabricando a commodity no Brasil e no Chile, onde produz também celulose de fibra longa. A produção adicional da Celulose Riograndense estará integrada nessa visão de comercialização globalizada que a CMPC tem como grupo.

O Papel – Especificamente sobre o projeto, o que já foi desenvolvido até o momento?

Nunes – Estamos seguindo um cronograma que teve início com o desenvolvimento florestal, passou pelo projeto de engenharia conceitual e engenharia básica e também pela aprovação do estudo de viabilidade por parte dos acionistas. Com isso, estamos agora no período de implantação, momento em que, de fato, tudo começa a sair do papel. Estamos na fase das negociações finais para firmar contratos com fornecedores e tratar dos demais aspectos da implantação prática do projeto. Em 18 de dezembro, fechamos nossa primeira negociação, com a contratação de dois turbogeradores da Siemens. Essa aquisição determina o caminho crítico relacionado com o cronograma de implantação do projeto e é o ponto de partida da implantação. Em janeiro de 2013, vamos começar a implantação das infraestruturas básicas do site que possibilitam a montagem das diversas áreas e também acertar os últimos detalhes com os demais fornecedores para fechar a aquisição das outras “ilhas tecnológicas”, o que deve ser concluído no início do ano.

O Papel – O período de obras, estimado em dois anos, causará impacto na produção atual da fábrica?

Nunes – As obras não terão nenhuma interferência nas atividades atuais do complexo industrial. A nova linha será construída ao lado da já existente, e as plantas irão operar isoladamente. Em alguns pontos do parque fabril, contudo, será feita uma integração, para aprimorar certos aspectos da fábrica hoje em operação, principalmente em questões de âmbito ambiental, como uma maior centralização do controle dos sistemas de odor. O objetivo é integrar as duas fábricas, a fim de aprimorar ainda mais um processo que já é eficiente.

O Papel – De onde virá a mão de obra para a construção da nova linha?

Nunes – Uma parte da mão de obra necessária para a implantação do projeto, por ser técnica e especializada, está diretamente agregada aos fornecedores de tecnologia dos diversos pacotes ou “ilhas tecnológicas”.

Além disso, um grande grupo de trabalhadores, menos especializados, irá participar da montagem dos equipamentos. Para suprir essa última demanda de mão de obra, pretendemos contar com o maior número possível de trabalhadores oriundos da população local. Por isso, já está em andamento um programa de formação de mão de obra, realizado em conjunto com o governo do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse programa, chamado Pacto Gaúcho pela Educação, profissionais são preparados para as áreas de construção civil, mecânica e elétrica. Com isso, buscamos a capacitação de cerca de 10 mil pessoas. Prevê-se que, durante a implantação do projeto, sejam criados entre 7 mil e 8 mil postos de trabalho diretos e 21 mil indiretos até 2015. Com a entrada em funcionamento da unidade, serão criados mais 2.500 empregos diretos e estimadamente 17 mil indiretos.

O Papel – Qual é o atual modal usado pela empresa para escoar a produção de celulose e o que será feito em termos de infraestrutura na região?

Nunes – Para o atual escoamento da produção de celulose, usamos o modal hidroviário, que liga o terminal de nossa planta ao porto de Rio Grande por barcaças. Planejamos aumentar a escala desse transporte para atender adequadamente à nova produção,

mas continuaremos exportando a celulose através do porto de Rio Grande. Além disso, já estamos investindo um valor total de R\$ 44 milhões para a execução de obras viárias no entorno da fábrica e no município de Guaíba, a fim de melhorar a mobilidade urbana e viabilizar a logística de transporte das cargas. Esse projeto, que está sendo realizado em parceria com a prefeitura de Guaíba, deve ser concluído em fevereiro de 2013.

O Papel – No âmbito florestal, quantos hectares a empresa possui hoje? O valor é suficiente para cobrir a atual produção e a prevista para 2015?

Nunes – Visando ao atendimento da futura demanda ampliada de produção, a Celulose Riograndense já havia dado início à expansão de sua base florestal. Hoje, a empresa possui 218 mil hectares de terras, sendo 81 mil destinados à preservação ambiental. Isso nos coloca entre os maiores proprietários privados de áreas destinadas à preservação ambiental no Estado do Rio Grande do Sul. Recentemente, também negociamos uma área adicional de florestas com a Fibria, totalizando 39 mil hectares plantados na zona sul do Estado. Com isso, atualmente somos autossuficientes na produção da madeira necessária para sustentar a futura produção de celulose. ■

Destaques do Setor – Finalistas

Contech: importante player no segmento de papel e celulose em constante expansão e consolidação em tecnologia

Líder de mercado em condicionamento de vestimentas no segmento de papel e celulose, a Contech, empresa de especialidades químicas, se consolida como referência de qualidade e tecnologia, pois é sustentada por pilares estratégicos voltados à essência de inovação, sustentabilidade e P&D – pesquisa e desenvolvimento.

A empresa, que atua na área de controle de contaminantes e aditivos de processos para esse segmento, é conhecida pelo desenvolvimento de soluções de sistemas patenteados e customizados. Suas soluções podem ser aplicadas no processo de fabricação de papel e na fabricação de celulose.

A Contech desenvolve um estudo durante as etapas de preparação para o projeto de aplicação de químicos e equipamentos de acordo com a especificidade de cada cliente, além de desenvolver e disponibilizar produtos de alto valor agregado, sistema patenteados e serviço, mantendo nos clientes um colaborador técnico especialista para aplicação e manutenção das soluções.

Atualmente, a Contech faz parte do Grupo Ecotech, onde também estão as empresas Tratch (tecnologias sustentáveis para tratamento de água e efluentes, descontaminação de solos infectados e implementação de processos industriais eco-eficientes) e Tratch Mundi (gerenciamento e remediação de áreas contaminadas, mapeamento geológico e geologia de engenharia, geoprocessamento e licenciamento ambiental).



T: + 55 19 3881 7200
www.contechbrasil.com

